

AS CONSTRUÇÕES DO MASCULINO: O PAPEL DAS INSTITUIÇÕES SOCIAIS NA SOCIALIZAÇÃO DE MENINOS E NA INCORPORAÇÃO DA MISOGINIA COMO UM DOS EFEITOS

THE CONSTRUCTIONS OF MASCULINITY: THE ROLE OF SOCIAL INSTITUTIONS IN THE SOCIALIZATION OF BOYS AND IN THE INCORPORATION OF MISOGYNY AS ONE OF ITS EFFECTS

Afonso Palhares Gomes Diniz ¹

Ana Carolina Martins França²

Aullus Cezar Faria dos Santos ³

Luzia Elen Vieira Miranda ⁴

Maria Luisa Faria Teixeira ⁵

Maria Teresa Amaral Silva⁶

Virgínia Lopes Otoni dos Santos ⁷

RESUMO

O presente artigo discute a construção social da masculinidade e o papel das instituições sociais na socialização de meninos, analisando como determinados padrões de gênero contribuem para a incorporação de comportamentos misóginos. Partindo das contribuições dos estudos de gênero e de autores que compreendem a masculinidade como uma construção histórica e cultural, busca-se compreender os processos pelos quais valores associados à virilidade, ao poder e à dominação são transmitidos e reproduzidos ao longo das gerações. A pesquisa foi desenvolvida por meio de revisão bibliográfica de livros, artigos científicos e produções acadêmicas sobre masculinidade, gênero, misoginia e socialização. Os resultados apontam que instituições como família, escola, religião e mídia desempenham papel fundamental na formação da identidade masculina, frequentemente reforçando práticas que desvalorizam o feminino e legitimam relações desiguais de poder. Além disso, evidencia-se que a misoginia constitui um fenômeno histórico e cultural que atravessa diferentes sociedades, contribuindo para a manutenção de violências e discriminações contra mulheres. Conclui-se que a problematização dos modelos tradicionais de masculinidade e a promoção de espaços educativos de reflexão são estratégias essenciais para o desenvolvimento de relações mais igualitárias, respeitadas e livres de violência.

Palavras chave: Masculinidade; Socialização; Misoginia; Gênero; Instituições Sociais.

ABSTRACT

This article discusses the social construction of masculinity and the role of social institutions in the socialization of boys, analyzing how certain gender patterns contribute to the incorporation of misogynistic behaviors. Drawing on contributions from gender studies and authors who understand masculinity as a historical and cultural construct, the research seeks to understand the processes by

¹ Graduando no curso de Psicologia pela Faculdade Católica de Pará de Minas (FAPAM).

² Graduanda no curso de Psicologia pela Faculdade Católica de Pará de Minas (FAPAM).

³ Graduando no curso de Psicologia pela Faculdade Católica de Pará de Minas (FAPAM).

⁴ Graduanda no curso de Psicologia pela Faculdade Católica de Pará de Minas (FAPAM).

⁵ Graduanda no curso de Psicologia pela Faculdade Católica de Pará de Minas (FAPAM).

⁶ Graduanda no curso de Psicologia pela Faculdade Católica de Pará de Minas (FAPAM).

⁷ Graduanda no curso de Psicologia pela Faculdade Católica de Pará de Minas (FAPAM).

which values associated with virility, power, and domination are transmitted and reproduced across generations. The research was developed through a literature review of books, scientific articles, and academic works on masculinity, gender, misogyny, and socialization. The results indicate that institutions such as family, school, religion, and media play a fundamental role in the formation of male identity, frequently reinforcing practices that devalue the feminine and legitimize unequal power relations. Furthermore, it is evident that misogyny constitutes a historical and cultural phenomenon that spans different societies, contributing to the maintenance of violence and discrimination against women. It is concluded that questioning traditional models of masculinity and promoting educational spaces for reflection are essential strategies for the development of more egalitarian, respectful, and violence-free relationships.

Keywords: Masculinity; Socialization; Misogyny; Gender; Social Institutions.

1. INTRODUÇÃO

Durante séculos, a masculinidade foi tratada como algo natural, quase imutável, associado à força, ao poder e à autoridade. No entanto, basta observar as transformações sociais e os diferentes modos de viver a experiência masculina para perceber que esses padrões não surgem da biologia, mas de construções históricas e culturais. Desde a infância, meninos são ensinados a seguir comportamentos considerados “masculinos”, aprendendo a esconder emoções, rejeitar fragilidades e reafirmar constantemente sua virilidade. Essas exigências, muitas vezes invisíveis, moldam identidades, relações sociais e até formas de violência presentes na sociedade contemporânea.

Nesse contexto, discutir masculinidade vai além de compreender o comportamento dos homens: significa analisar como relações de poder são construídas e reproduzidas socialmente. As contribuições dos estudos de gênero, revelam que as desigualdades entre homens e mulheres são resultado de processos históricos que privilegiam determinados modelos de masculinidade em detrimento de outros. De modo complementar, Fernando Bagiotto Botton destaca que a masculinidade foi, durante muito tempo, interpretada como decorrente de fatores biológicos, sendo necessário superá-la enquanto categoria fixa para compreendê-la como construção social múltipla e historicamente situada (BOTTON, 2007). Assim, compreender e disseminar a forma como a masculinidade é construída torna-se essencial para questionar padrões tradicionais, enfrentar práticas machistas e promover relações mais igualitárias na sociedade.

O principal objetivo do projeto, é promover a reflexão sobre comportamentos machistas e misóginos praticados por meninos e homens, analisando seus impactos nas relações sociais, no bem-estar dos sujeitos e na segurança de meninas e mulheres. Colocando em prática através de uma roda de conversa e uma dinâmica na escola, visando à conscientização de adolescentes sobre papéis de gênero, misoginia e comportamentos que promovam respeito e igualdade entre os gêneros.

2. OBJETIVO

2.1 Objetivo Geral

Investigar, por meio de revisão bibliográfica, os impactos psicológicos, sociais e comportamentais da construção da masculinidade em meninos, destacando a incorporação de padrões misóginos como um dos efeitos da socialização, considerando a influência das instituições sociais.

2.2 Objetivos Específicos

1. Levantar e organizar estudos científicos e obras de referência sobre construção de gênero, masculinidade e socialização de meninos.
2. Identificar, a partir da literatura, como instituições sociais contribuem para a incorporação da misoginia e para a formação da identidade de gênero masculina.
3. Integrar os achados da revisão bibliográfica na elaboração de um artigo científico.
4. Estimular a reflexão sobre comportamentos machistas e misóginos praticados por meninos e homens, analisando seus impactos nas relações sociais, no bem-estar dos sujeitos e na segurança de meninas e mulheres.
5. Desenvolver uma roda de conversa e uma dinâmica em escola parceira, visando à conscientização de adolescentes sobre papéis de gênero, misoginia e comportamentos que promovam respeito e igualdade entre os gêneros.

3. JUSTIFICATIVA

Já dizia Simone de Beauvoir: “ninguém é mais arrogante em relação às mulheres, mais agressivo ou desdenhoso do que o homem que duvida de sua virilidade”, o que significa que a insegurança masculina gera violência contra a mulher. A socialização masculina tradicional, reforçada por instituições sociais, pauta-se muitas vezes na imposição de padrões de virilidade e na desvalorização do feminino, favorecendo a incorporação de atitudes discriminatórias, em consonância com práticas patriarcais historicamente consolidadas.

Compreender a construção da masculinidade permite analisar como práticas educativas, discursos culturais e interações sociais contribuem para a formação da identidade masculina, oferecendo subsídios para intervenções pedagógicas e psicossociais voltadas à promoção de comportamentos respeitosos e à prevenção de múltiplas formas de violência.

Considerando a escola como um dos principais espaços de socialização, este projeto possibilita refletir sobre gênero, misoginia e papéis sociais, promovendo a análise crítica de práticas que podem comprometer a convivência segura e equitativa entre meninos e meninas.

ODS 5. Promover igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas

Nosso tema se conecta com os princípios e metas da ODS 5, por contemplar práticas que favorecem a diminuição de todas as formas de violência/discriminação contra todas as mulheres e meninas. Ao apresentarmos o tema escolhido para meninos e meninas, estaremos colaborando para o avanço da ODS 5, que visa a igualdade de gênero. Se na escola alguns comportamentos misóginos começam, é lá que devemos iniciar a fala sobre esse assunto tão pertinente, através da conscientização desses alunos.

4. METODOLOGIA

A metodologia adotada baseia-se em revisão bibliográfica, desenvolvida a partir da revisão de livros, artigos científicos e materiais acadêmicos relacionados ao tema. A proposta será um encontro na Escola Estadual Ângela Maria de Oliveira, no bairro São Pedro, para alunos do ensino médio, público alvo de 15 a 17 anos, duração média de 01 hora, por meio de uma roda de conversa, seguida de dinâmicas para ampliar a interação e entendimento do tema.

5. DESENVOLVIMENTO

5.1 A masculinidade como uma construção social

Engels retrata a história da mulher em *A Origem da Família*. Na Idade da Pedra, quando a terra era comum a todos os membros do clã, o caráter rudimentar da pá, da enxada primitiva, limitava as possibilidades agrícolas: as forças femininas estavam na medida do trabalho exigido pelo cultivo dos jardins. Nessa divisão primitiva do trabalho, os dois sexos já constituíam, até certo ponto, duas classes; entre elas a igualdade. Enquanto o homem caçava e pescava, a mulher permanecia no lar. Inicialmente, as mulheres tinham um papel importante na economia, porque ficavam encarregadas das tarefas domésticas. Com o avanço das ferramentas e da agricultura, o trabalho pesado passou a ser mais valorizado e os homens assumiram maior controle econômico, recorrendo até à escravidão. Nesse contexto, surgiu a propriedade privada, e a mulher passou a ser vista como propriedade do homem. O autor chama esse processo de “a grande derrota histórica do sexo feminino”, pois o trabalho doméstico feminino perdeu valor diante do trabalho produtivo masculino.

O mundo sempre pertenceu aos machos. Nenhuma das razões que nos propuseram para explicá-lo nos pareceu suficiente. É revendo à luz da filosofia existencial os dados da pré-história e da etnografia que poderemos compreender como a hierarquia dos sexos se estabeleceu. Já verificamos que, quando duas categorias humanas se acham em presença, cada uma delas quer impor à outra sua soberania; quando ambas estão em estado de sustentar a reivindicação, cria-se entre elas, seja na hostilidade, seja na

amizade, sempre na tensão, uma relação de reciprocidade. Se uma das duas é privilegiada, ela domina a outra e tudo faz para mantê-la na opressão. Compreende-se que o homem tenha tido vontade de dominar a mulher. Mas que privilégio lhe permitiu satisfazer essa vontade?

A masculinidade foi historicamente construída a partir da ideia de transcendência, domínio e criação de valores. Inspirando-se em Hegel, o autor mostra que o homem se afirma como “senhor” porque arrisca a vida, projeta o futuro e transforma a natureza por meio do trabalho e da técnica. Já a mulher é associada à vida biológica, à maternidade e à permanência no espaço doméstico, sendo vista como ligada à “imanência” e à repetição da vida.

A masculinidade, portanto, é construída como sinônimo de ação, poder, conquista e superação da natureza, enquanto a feminilidade é confinada ao corpo e à reprodução. Os homens criaram essa divisão para manter privilégios e justificar sua posição de domínio. Assim, o masculino passou a representar a liberdade e a construção do futuro, enquanto o feminino foi definido como “o Outro”, subordinado e limitado ao campo da vida doméstica e biológica.

Dos gregos antigos até bem pouco tempo atrás acreditava-se que a mulher era um ser inferior na escala metafísica que dividia os seres humanos, e por isso somente os homens detinham o direito de exercer uma vida pública. Dessa forma conclui-se que a misoginia não é uma invenção, é um fato histórico e uma construção social.

5.2 A incorporação da misoginia no discurso

A palavra misoginia apareceu pela primeira vez no Oxford English Dictionary em 1656 e era definida como ódio e o desprezo para com as mulheres. A autora, Avigliano (2010), lembra o fato de que a palavra Misoginia já havia aparecido em 1630 na publicação “Swetman arraigned” em resposta a um texto escrito por Swetman no qual ele atacava e depreciava as mulheres. A literatura mostra que a misoginia, o prejuízo mais antigo do mundo, nunca saiu de moda, pois, conforme nos ensina Alambert (1986, apud BICALHO, 2001), as formas discriminatórias contra a mulher também se transformaram, à medida que as sociedades humanas evoluíram, tornaram-se mais refinadas, sofisticadas, mas nem por isso menos inadmissíveis do que na época da pedra lascada.

A misoginia desenvolveu-se em muitos diferentes níveis, desde a caça às bruxas no final da Idade Média até mesmo mulheres sendo mortas nos dias de hoje. Verifica-se em todas essas culturas citadas a característica de dirigir a ira contra as mulheres e a sexualidade delas. Ainda considerando a contemporaneidade, pode-se observar que a misoginia tem sido expressada por grandes e renomados artistas e celebrada nas obras mais ínfimas e vulgares da pornografia moderna. A história da misoginia é a história de um ódio único, perdurável, que une Aristóteles com Jack Estripador e o rei Lear com James Bond. (HOLLAND, 2010).

“É a lei da natureza que a mulher deva ser mantida sob o domínio do homem [...] tal é a imbecilidade da mulher que é seu dever, em todos os aspectos, desconfiar de si própria e obedecer ao marido”. (Confúcio, cerca de 500 a.C)

Essa colocação nos mostra que a misoginia é uma construção cultural que tem se arrastando ao longo dos séculos através de diversos veículos. Especialmente em virtude da influência grega que reverberou sobre o cristianismo, destaca-se que a mulher foi forçada ao longo dos séculos a adotar uma postura de resignação – como se fosse de fato culpada da desgraça humana, a “nódoa do pecado” (a mulher comeu o fruto proibido). Percebeu-se pelo levantamento histórico realizado que a construção da misoginia se deu numa produção ao longo dos séculos e atravessou culturas humanas, tomando formas expressas na subjetividade feminina através do sentimento de culpa, as impelindo para a aceitação e tolerância passiva da violência. Evidencia-se a existência de um contexto social, cultural e histórico que reforça tais práticas. Essas inúmeras atitudes que julgamos naturais acabam sendo transmitidas de geração em geração sem que sejam questionadas. Tais condições, levam o grupo social a legitimar tais papéis que não necessariamente condizem com a realidade. Mas ainda assim, cria um sistema de crenças que será disseminado no imaginário social coletivo, legitimando qualquer coisa, inclusive a violência contra a mulher.

Observa-se que uma compreensão histórica demonstra que certos comportamentos femininos expressos na passividade frente aos diversos tipos de violência podem ser compreendidos através de uma série de construções culturais e, portanto, não é algo presente numa pretensa natureza feminina. Assim, verificou-se a existência de traços misóginos em diversas culturas e religiões que até hoje são influentes na organização das sociedades, o que pode ser entendido não só como precipitador da violência contra a mulher, mas, inclusive como modelador das práticas discriminatórias supracitadas. A repetição das práticas de violência e aceitação de certos postulados religiosos e culturais só faz nutrir tais ideais coletivos que posteriormente são introjetados pelos sujeitos.

5.3 Efeitos psicológicos e impactos na sociedade

O gênero, enquanto construção social, delimita e determina quem e o que é ser uma mulher. Existe uma dicotomia que engendra os sujeitos, submetendo-os a certo determinismo a partir do sexo e do gênero. Desse modo, pode-se compreender o gênero como algo que classifica e organiza as relações sociais, para além de algo estritamente pessoal, sendo um aspecto essencial da modernidade e como se dá o entendimento sobre nossas subjetividades. Partindo dessa exposição, é debatido o machismo estrutural e estruturante da sociedade, conjuntamente à opressão de gênero que assola a realidade social brasileira e mundial. É necessário questionar a lógica de dominação e superioridade masculina em detrimento da inferioridade feminina, esfacelando o discurso naturalista utilizado para legitimar tais pensamentos. Com isso, pode-se traçar um paralelo claro entre o gênero, as violências e o direito,

restando clara a necessidade de um deslocamento do discurso jurídico com a subversão das posições atinentes a cada sujeito, uma vez que o direito pode ser, facilmente, fonte de opressão e injustiças, uma vez que desvirtuado para tais fins, como a História cansa de nos mostrar e relembrar. Logo no início da pandemia, a ONU Mulheres já sinalizou a grande possibilidade de aumento dos casos de violência contra a mulher, elaborando cartilha com medidas que buscassem atenuar a situação esperada e iminente.

Partindo para análise após o período de isolamento social severo, tem-se números cada vez mais preocupantes, uma vez que de acordo com o Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2023, houve um crescimento de 2,9% das agressões em contexto de violência doméstica e 6,1% nos números de feminicídios em 2022 comparado a 2021, totalizando 79 1.437 mortes de mulheres por contexto de gênero, ou seja, necessariamente discriminatórias (FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2023).

É necessário um olhar atento quanto à evitabilidade dos feminicídios, quando empregadas “políticas públicas de prevenção, proteção e acolhimento das vítimas dos diversos tipos de violência contra as meninas e mulheres” (FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2023).

No que tange ao feminicídio, a retirada do manto da invisibilidade e da palavra genérica homicídio são seus maiores legados. A função de esclarecer, elucidar e educar quanto à violência de gênero vem, no contexto da sociedade brasileira atual, como uma ferramenta imprescindível, tendo em vista se tratar de um país que há não tanto tempo atrás considerava justificado um crime cometido com base na legítima defesa da honra.

6. APLICAÇÃO

Durante a intervenção realizada com estudantes do Ensino Médio da Escola Estadual Ângela Maria de Oliveira, foi desenvolvida a dinâmica intitulada “Pode / Não Pode”, com o objetivo de promover reflexões sobre os papéis de gênero e os estereótipos socialmente construídos que influenciam comportamentos de homens e mulheres. A atividade consistiu na apresentação de situações cotidianas, como: “homem pode chorar?”, “homem pode usar rosa?”, “mulher pode sair sozinha?” e “homem pode demonstrar carinho?”. Após cada afirmação, os participantes deveriam responder rapidamente, levantando a mão, indicando se consideravam aquela ação aceitável ou não.

A proposta buscou evidenciar como determinadas crenças e normas sociais são reproduzidas de forma automática, muitas vezes sem questionamento. Em seguida, foi realizada uma roda de conversa para discutir as respostas apresentadas pelos alunos. Foram levantadas questões como: “Quem criou essas regras?”, “Elas sempre existiram?” e “Essas ideias fazem sentido na sociedade atual?”.

A discussão permitiu relacionar as respostas dos estudantes ao conteúdo trabalhado no projeto, demonstrando que muitos comportamentos considerados “naturais” para homens e mulheres são, na realidade, construções sociais transmitidas por instituições como a família, a escola, a religião e a mídia. A atividade também possibilitou refletir sobre como essas normas podem contribuir para a manutenção de desigualdades de gênero, do machismo e de práticas misóginas.

Ao final da atividade, observou-se participação limitada por parte dos estudantes, com pouca adesão às discussões propostas e baixa interação durante os momentos de reflexão. Apesar disso, a dinâmica possibilitou identificar a presença de concepções e estereótipos de gênero já internalizados pelos participantes, evidenciando a relevância de promover espaços de debate sobre a temática no contexto escolar. A experiência demonstrou a importância de desenvolver ações contínuas de conscientização e reflexão crítica, favorecendo a construção de uma compreensão mais ampla acerca das desigualdades de gênero e do respeito às diferenças.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final do trabalho, pode-se inferir algumas constatações e aprendizados obtidos mediante não só ao estudo teórico do tema proposto, bem como, a realização da parte prática do projeto integrador, aplicada na escola estadual Ângela Maria de Pará de Minas a turmas do ensino médio. Nesta toada, a articulação das duas instancias de pesquisa e estudo, teoria e pratica, se mostraram de grande valia para a formação acadêmica do grupo, favorecendo a construção de conhecimentos sólidos e necessários a prática do ofício da psicologia e seus variados âmbitos. O estudo teórico sugeriu ao grupo um quadro do histórico, funcionamento e anatomia do problema em questão, além de suas formas de perpetuação na sociedade brasileira contemporânea. A direção indicada pelo repertório selecionado pelo grupo aponta para a construção gradual, sistemática e constante de padronizações de comportamentos e suas tipologias socialmente aceitas ou reprováveis. Estes componentes hoje se plasmam em estereótipos de gênero que por vezes são impostos por instituições basilares da sociedade, tais quais, família, religião, escola, ambiente de trabalho, mídias digitais, dentre outras. Tais padrões são transmitidos às gerações mais novas hora de forma involuntária e intuitiva, hora de modo que beire o doutrinal. Este fator em específico parece contribuir enormemente para a naturalização destes mesmos padrões o que se reflete em jargões já socialmente estabelecidos, comportamentos e mentalidades referentes ao senso comum de um povo. Os exemplos são variados e facilmente reconhecíveis, frases como: “homens não choram”, “mulheres são mais emotivas e homens mais racionais”, “isto não é brincadeira de menina”, são alguns exemplos de expressões que compõem o repertório do imaginário popular ainda vigente em nossa sociedade.

Durante a realização prática da dinâmica proposta pelo grupo, pode-se observar traços e falas entre os adolescentes que apontam diretamente para esta realidade histórica, social e cultural que atravessa a identidade de homens e mulheres. Para além até de um mal-estar psicoemocional causado pelos rótulos já citados, a conflituosa relação entre os binômios expostos acima termina por causar reverberações contundentes no trato entre homens e mulheres na sociedade, que por vezes se revela de caráter assimétrico. O que supera a esfera do individual e atinge o status de um mal-estar social. Um modo mais comum de se referir a esta assimetria social pode se dar através do termo desigualdade de gênero. Aqui cabe lembrar que a expressão pode ser usada para indicar assimetrias dentro de todos os estilos de gênero conhecidos hoje, contudo, dada a natureza e a orientação do tema do projeto, o grupo abordará mais especificamente a discrepância entre homens e mulheres. Isto posto, a dinâmica pode revelar a permanência de certos padrões de pensamentos em alguns meninos e também em meninas, demonstrando assim que os estereótipos e preconceitos de gênero podem ser aprendidos e internalizados por todos os indivíduos de uma sociedade que sejam expostos a tal. Contudo, vale ressaltar que em média, as meninas apresentavam maior senso crítico e noção de papéis sociais mais flexibilizados em relação aos meninos.

Ainda que muitos dos termos mais técnicos fossem desconhecidos para maioria dos estudantes, como “misoginia”, bem como o conhecimento de certas leis e direitos, percebe-se que um trabalho mais aprofundado e didático em relação a temática poderia contribuir para a formação da conduta ética e cívica de adolescentes em nosso contexto social. A informação transmitida por profissionais sérios e especializados de maneira acessível ao público em questão pode gerar resultados reais e concretos para o atual quadro de violência de gênero em nossa contemporaneidade. Isto levando em conta, que a escola cumpra a condição de ser um ambiente seguro de fala, escuta e transmissão de conhecimento humanizado capaz de sensibilizar os jovens acerca das dores sociais vivenciadas por nós.

8. ANEXOS



REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, S. de. **O segundo sexo**/ fatos e mitos / Simone de Beauvoir; Tradução Sergio Milliet. – 3º.ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

MELO, Valéria Teixeira de Araújo. **Criminalização da misoginia: análise de suas possíveis consequências frente aos dados estatísticos da Lei Maria da Penha e da Lei do Feminicídio**. Orientadora: Mariana de Siqueira. 2024. 103 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Curso de Direito, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2024.

MOTERANI, G. M. B.; CARVALHO, F. M. D. **Misoginia: A Violência Contra a Mulher Numa Visão Histórica e Psicanalítica**. 2016. Disponível em: < chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.feata.edu.br/downloads/revistas/avesso doavesso/v14_artigo11_misoginia.pdf > Acesso em: 01 maio. 2021.